

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Grandes

Temas da

Educação

Nacional 3

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Grandes Temas da Educação Nacional

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G752 Grandes temas da educação nacional 3 [recurso eletrônico] /
Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Grandes Temas da Educação Nacional; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-233-3

DOI 10.22533/at.ed.33319

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Professores – Condições de trabalho. 4. Professores – Formação.
I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As práticas educativas partem das finalidades inseridas em cada ação e estabelecem as conexões necessárias no processo de ensino e aprendizagem. Este terceiro volume do livro *Grandes Temas da Educação Nacional* traz uma nova roupagem de ideias aos leitores, além de promover a mobilização de novos saberes.

Partindo dos objetivos de aprendizagem, este livro apresenta aos diversos leitores e interlocutores das ideias que aqui tomam formas, a estruturação de vinte e um trabalhos que trazem as características de seus autores, que ora transitam nas funções de pesquisadores, ora ocupam o lugar epistêmico de autores que interligam as conexões reflexivas com os diferentes contextos de uso.

No primeiro capítulo, o autor discute a relevância do letramento social a partir da produção do gênero textual carta pessoal realizada com alunos dos anos finais do ensino fundamental, apresentando os contextos de elaboração e as características de produção. No segundo capítulo, a discussão sobre letramento perpetua-se, agora na contextualização acadêmica e na modalidade da educação a distância, em um curso de Extensão de Redação Científica.

O terceiro capítulo preocupa-se na apresentação de um estudo sobre o processo de produção textual de alunos do curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima, analisando como o processo de ensino-aprendizagem é estabelecido. As reflexões realizadas no quarto trabalho partem de uma análise comparativa da semântica em textos bíblicos, tendo como ponto de partida os conceitos de significado, os sentidos e as referências propostas no texto sagrado.

No quinto capítulo, o fenômeno semântico da polissemia é tomado como ponto de partida, tendo por base a análise de um livro didático do nono ano do ensino fundamental, como suporte diverso dos gêneros textuais. Os autores do sexto capítulo fundamentam-se na Lei nº 10.639/03, discutem os impactos nas formas de enxergar a imagem do sujeito negro, da Cultura Afro-Brasileira e Africana nos estabelecimentos de educação do país.

O sétimo capítulo analisa seis itens da prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), tendo como ano de reflexão, a avaliação realizada em 2015, em que os autores examinam o vínculo com as respectivas competências de área. No oitavo capítulo, a autora apresenta uma proposta de investigação relativa à mediação como fomentadora da imaginação nas atividades de leitura e no empoderamento discente como sujeito autônomo e proficiente.

Os autores do nono capítulo aventuram-se na apresentação discursiva dos primórdios à Reforma Universitária do Ensino Superior no Brasil, partindo do período Brasil-Colônia à década de 60, utilizam-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo. No décimo capítulo, as perspectivas avaliativas nos cursos de Licenciatura em Pedagogia de uma instituição federal do estado de Pernambuco são tomadas como foco de discussão e análise na prevalência do processo de formação do profissional

pedagogo.

As discussões do décimo primeiro capítulo investigam a atuação do profissional pedagogo em um hospital particular no município de Imperatriz, estado do Maranhão, fundamentando-se na pesquisa bibliográfica e investigação de campo. No décimo segundo capítulo compreendem-se os elementos presentes na formação inicial do pedagogo, além de contribuir na atuação do profissional na função de gestor escolar.

No décimo terceiro capítulo as questões referentes à inclusão são discutidas a partir da Lei nº 10.436/02 e do Decreto 5.626/05 que regulamentam a Língua Brasileira de Sinais nos cursos de licenciaturas e fonoaudiologia, considerando as especificidades da Comunidade Surda. O décimo quarto capítulo os autores investigam o papel da instituição escolar no processo de inclusão. Já décimo quinto capítulo inter-relaciona teoria e prática na formação docente para os contextos fundamental e médio na cidade de Monte Carmelo, no estado de Minas Gerais.

Os autores do décimo sexto capítulo propõem frutíferas reflexões mediante as identidades do homem caipira e do cowboy nas propagandas publicitárias, esclarecendo alguns estereótipos estabelecidos na constituição do sujeito. No décimo sétimo capítulo há uma descrição reconstitutiva da linha do tempo e histórica das áreas de Eletroterapia e da Estética como estratégia de ensino e aprendizagem do curso de Estética e Cosmética da Universidade de Fortaleza.

No décimo oitavo capítulo, as metodologias ativas são definidas e discutidas na aproximação com as Tecnologias de Informação e Comunicação como ferramentas capazes de auxiliar o processo de compreensão das metodologias ativas. No décimo nono capítulo, além de descrever e comparar o novo modelo de recrutamento dos participantes do Grupo de Estudos Tecnológicos (GET) de Concreto à luz das atividades extracurriculares do curso de Bacharelado em Engenharia Civil da Universidade de Fortaleza propõe outras reflexões.

No vigésimo capítulo, os autores analisam como o Projeto Jovens do Semiárido tem colaborado no desenvolvimento às populações locais no interior do Piauí, além de estimularem o acesso ao conhecimento como maneira de empoderamento. Já no vigésimo primeiro e último capítulo a questão do plágio é o ponto de investigação, sobretudo na contextualização da mediação pedagógica.

Aos leitores e interlocutores deste livro são bem-vindas as interrogações e a ampliação dos múltiplos conhecimentos que podem ser produzidos pela multiplicidade reflexiva em que cada autor revela uma forma peculiar de discutir os assuntos que aqui tomaram forma e foram capazes de comunicar. Por fim, como organizador da identidade de *Grandes Temas da Educação Nacional*, desejo excelentes leituras e boas reflexões.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LETRAMENTO SOCIAL E CARTA PESSOAL NO ENSINO BÁSICO: CONTEXTUALIZAÇÃO E PRODUÇÃO	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.333191	
CAPÍTULO 2	13
LETRAMENTO ACADÊMICO NA MODALIDADE EAD: DESIGN INSTRUCIONAL DE UM CURSO DE EXTENSÃO DE REDAÇÃO CIENTÍFICA	
<i>Rosana Ferrareto Lourenço Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.333192	
CAPÍTULO 3	19
UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA DE ALUNOS DO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA	
<i>Evanilde Miranda de Freitas Guimarães</i> <i>Jairzinho Rabelo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.333193	
CAPÍTULO 4	34
A SEMÂNTICA EM TEXTOS BÍBLICOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA	
<i>Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.333194	
CAPÍTULO 5	48
O FENÔMENO SEMÂNTICO DA POLISSEMIA ABORDADO POR UM LIVRO DIDÁTICO DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Livia Oliveira Biscotto</i> <i>Maria Cristina Ruas de Abreu Maia</i> <i>Maria Rita Francisca Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.333195	
CAPÍTULO 6	60
A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM DO SUJEITO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS ANTES E APÓS A LEI Nº 10.639/03	
<i>Tatianne Silva Santos</i> <i>Tânia Regina Vieira</i> <i>Danilo Rabelo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.333196	
CAPÍTULO 7	80
OS CONHECIMENTOS REQUERIDOS PELO ENEM - O QUE AS AVALIAÇÕES EM LARGA ESCALA NA EDUCAÇÃO BUSCAM MEDIR?	
<i>Claudia Helena Azevedo Alvarenga</i> <i>Tarso Bonilha Mazzotti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.333197	

CAPÍTULO 8	95
ATIVIDADES MEDIADAS DE LEITURA QUE FOMENTAM A IMAGINAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO EMPODERAMENTO DISCENTE	
<i>Aline Salucci Nunes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.333198	
CAPÍTULO 9	102
ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: DOS PRIMÓRDIOS À REFORMA UNIVERSITÁRIA	
<i>Emillia C Gonçalves dos Santos</i>	
<i>Roberta Oliveira Silva Graziani</i>	
<i>Yasmin Saba de Almeida</i>	
<i>Rafael Santos da Costa</i>	
<i>Caroline Brelaz Chaves Valois</i>	
<i>Boaz Ramos de Avellar Júnior</i>	
<i>Viviani Bento Costa Barros da Rocha</i>	
<i>Márcia Cristina Alves Bezerra</i>	
DOI 10.22533/at.ed.333199	
CAPÍTULO 10	129
A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E SUAS RELAÇÕES COM AS NOVAS PERSPECTIVAS AVALIAÇÃO	
<i>Ana Maria da Cunha Rego</i>	
<i>Ana Patrícia Soares Pessoa</i>	
<i>Silvio Gleisson Bezerra</i>	
<i>Maurício Ademir Saraiva de Matos</i>	
<i>Benôni Cavalcanti Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3331910	
CAPÍTULO 11	140
A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM UM HOSPITAL PARTICULAR NO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ- MA	
<i>Steffany Santos da Silva</i>	
<i>Cleres Carvalho do Nascimento Silva</i>	
<i>Maria Claudia Lima Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3331911	
CAPÍTULO 12	149
O CURSO DE PEDAGOGIA E OS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO GESTOR ESCOLAR	
<i>Lucilene Schunck Costa Pisaneschi</i>	
<i>Luana Monteiro Maciel</i>	
<i>Rosemary Roggero</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3331912	
CAPÍTULO 13	160
ALIBRAS COMO DISCIPLINA NOS CURSOS DE LICENCIATURA NO IFSULDEMINAS	
<i>Ísis Andressa Ribeiro de Araújo</i>	
<i>Mônica Ribeiro de Araújo</i>	
<i>Giovanna da Conceição Massafera Paiva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3331913	

CAPÍTULO 14 164

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA ESTADUAL AUGUSTO CARNEIRO DOS SANTOS PARA A COMUNIDADE SURDA DE MANAUS: UM CONTEXTO HISTÓRICO E EDUCACIONAL

Suelem Maquiné Rodrigues

Sara Vitor Magalhães

Allan Cerdeira Miranda

DOI 10.22533/at.ed.3331914

CAPÍTULO 15 175

FORMAÇÃO E A PRÁTICA DOCENTE EM ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO NA CIDADE DE MONTE CARMELO/MG - BRASIL

Rafael César Bolleli Faria

Natália Miranda Goulart

DOI 10.22533/at.ed.3331915

CAPÍTULO 16 183

DO CAIPIRA AO COWBOY: AS IDENTIDADES DO HOMEM DO CAMPO NAS PROPAGANDAS PUBLICITÁRIAS

Bruno Silva de Oliveira

Ítalo Rafael de Castro

Rosemeire de Souza Pinheiro Taveira Silva

DOI 10.22533/at.ed.3331916

CAPÍTULO 17 194

LINHA DO TEMPO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO EM CURSO DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA

Aline Barbosa Teixeira Martins

Bárbara Karen Matos Magalhães Rodrigues

Mariza Araújo Marinho Maciel

Bruna Elaine Cabral Azevedo Ponte

DOI 10.22533/at.ed.3331917

CAPÍTULO 18 202

METODOLOGIAS ATIVAS, O QUE SÃO AFINAL?

Lin Shr Uen

Caroline Fernandes-Santos

DOI 10.22533/at.ed.3331918

CAPÍTULO 19 210

METODOLOGIA DE DIVULGAÇÃO, SELEÇÃO E TREINAMENTO DE DISCENTES PARA O GRUPO DE ESTUDOS TECNOLÓGICOS UNICONCRETO

Bruno da Silva Sales

Matheus Fontenele Rocha

Larissa Lima Melo

Davi Araújo Braga Brasil

Ivo Almino Gondim

DOI 10.22533/at.ed.3331919

CAPÍTULO 20	219
NOVOS PROTAGONISTAS DO SEMIÁRIDO: COMO A EDUCOMUNICAÇÃO TEM INFLUENCIADO A VIDA DE JOVENS NO INTERIOR DO PIAUÍ	
<i>Ben Rholdan Sousa Pereira</i>	
<i>Lourival da Cruz Galvão Júnior</i>	
<i>Monica Franchi Carniello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3331920	
CAPÍTULO 21	233
PROFESSOR NÃO É POLÍCIA DO CONTROL C INVESTIGANDO O PLÁGIO NA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA	
<i>Silvana Aparecida Pires Leodoro</i>	
<i>Elisabeth dos Santos Tavares</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3331921	
SOBRE O ORGANIZADOR	249

FORMAÇÃO E A PRÁTICA DOCENTE EM ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO NA CIDADE DE MONTE CARMELO/MG - BRASIL

Rafael César Bolleli Faria

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Inconfidentes, Departamento de Biologia, Inconfidentes/MG

Natália Miranda Goulart

Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI - Instituto de Recursos Naturais, Itajubá/MG

RESUMO: A experimentação une o aprendiz e os objetos estudados, inter-relaciona a teoria e a prática, a uma interpretação dos fenômenos e processos naturais observados. A pesquisa foi realizada em escolas públicas e particulares na cidade de Monte Carmelo/MG - Brasil, com professores e alunos. O perfil docente verificado foi: a maioria possui algum curso de pós-graduação, em geral o curso é *lato sensu*, cerca de 65% informaram que já participaram de formações continuadas, mas metade dos entrevistados afirmaram que as informações não foram úteis para a prática. Em relação ao desempenho dos docentes em suas aulas práticas, houve uma nota entre boa a ótima em cerca de 80% por parte dos professores e 30% na avaliação dos alunos. Conclui-se que os professores acreditam na melhora no aprendizado do aluno com aulas práticas, mas há falta de tempo e embasamento teórico e prático dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: perfil dos professores, atividades práticas e experimentação.

ABSTRACT: Experimentation unites the apprentice and the objects studied, interface theory and practice, to an interpretation of natural phenomena and processes observed. The survey was conducted in public and private schools in the city of Mount Carmel/MG-Brazil, with teachers and students. Faculty profile checked was: most has some postgraduate course in general the *Lato Sensu* course, about 65% reported that have already participated in continuing training, but half of the respondents stated that the information were not useful to practice. Regarding the performance of the teachers in their practical classes, there was a note between good to great in about 80% of the teachers and 30% in the assessment of students. It is concluded that teachers believe in improvement in student learning with practical lessons, but there is a lack of time and theoretical and practical basis of the same.

KEYWORDS: profile of teachers, practical activities and experimentation.

1 | INTRODUÇÃO

Segundo Carraher (1986), o modelo tradicional de ensino é ainda o mais utilizado por

educadores nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Esse modelo de educação trata o conhecimento como um conjunto de informações que são simplesmente passadas dos professores para os alunos, o que nem sempre resulta em aprendizado efetivo. Normalmente os alunos fazem somente o papel de ouvintes e, na maioria das vezes, os conhecimentos passados pelos professores não são significativos pelos mesmos.

As origens dos trabalhos científicos laboratoriais surgiram a mais de 100 anos, influenciado pelas universidades, já que os alunos tinham dificuldades entre teóricas e práticas, e despertar o interesse e melhorar o desempenho de cada aluno. (POSSOBOM; OKADA; DINIZ, 2003).

Especialistas em ensino de ciências propõem a substituição do expositivismo, e da grande maioria dos livros didáticos, por atividades experimentais (FRACALANZA et al, 1986). Outras estratégias de ensino também são ressaltadas a fim de proporcionar resultados semelhantes, como a estratégia proposta por Carraher (1986) no modelo cognitivo, no qual o ensino e a aprendizagem são vistos como “convites” à exploração e descoberta e o “aprender a pensar” assume maior importância que o simples “aprender informações”.

Lima e colaboradores (1999) relatam que a experimentação, une o aprendiz e os objetos estudados, inter-relaciona a teoria e a prática, a uma interpretação dos fenômenos e processos naturais observados, pautados não apenas pelo conhecimento científico, mas também pelos saberes e hipóteses levantadas pelos estudantes, diante dos desafios.

O laboratório de Ciências é um local para a aprendizagem, e desenvolvimento do aluno como um todo. Segundo Capeletto (1992), este local propicia aos estudantes a oportunidade de exercitar habilidades inatas e adquiridas com a experimentação proposta, nesse sentido há uma fundamentação psicológica e pedagógica que sustenta a necessidade de explorá-lo.

Moraes (1998) descreve algumas perspectivas apontadas ao experimento de caráter demonstrativo, onde as leis ou seja, as verdades já comprovadas são apresentadas, o que remete à idéia de existência de verdades absolutas, imutáveis. Outra perspectiva é o experimento com caráter indutivista-empirista cujas leis são obtidas por indução, partindo-se do particular para o geral. Estas concepções também são apontadas por Arruda e Laburú (1998) e Gunstone (1991) como verificacionistas indutivistas e, segundo eles, formam a base da visão tradicional da ciência e se caracterizam, por um lado, pela comprovação experimental de hipóteses e, por outro, pela observação sistemática da natureza para aquisição de conhecimento.

As aulas de laboratório podem funcionar como um contraponto das aulas teóricas, como um poderoso mecanismo facilitador da aprendizagem, propiciando a aquisição de novos conhecimentos, pois a vivência de certa experiência facilita a fixação do conteúdo a ela relacionado (Capeletto, 1992).

A experimentação está ligada à exploração do novo e à incerteza de se alcançar o resultado desejado, além de fixar às idéias de ação e de contato com o fenômeno estudado e é comumente considerada como sinônimo de método científico

(FRACALANZA et al, 1986). Esse termo não deve ser confundido com o conjunto de objetivos e métodos do ensino de Ciências Naturais. O simples fazer não significa necessariamente construir conhecimento e aprender ciência (Brasil, 1998).

Segundo Borges (2002) os estudantes estão sendo prejudicados na escola pela baixa qualidade do ensino, ou pelo não estimular a curiosidade do aluno. Os professores de ciências, tanto no ensino fundamental como no médio, acreditam numa melhora no aprendizado do aluno com aulas práticas, mas por falta de tempo de preparo para as aulas, por falta de equipamentos, e instalações adequada, devido a recursos financeiros, ou pelos simples despreparos para as aulas práticas, ou ainda por falta de segurança em controlar a classe, mesmo que sejam demonstrações simples com materiais caseiros.

Millar (2010) propõem a mudança dos professores na aula de práticas laboratoriais sugerindo propostas diferenciadas e a capacitação destes, para saber organizar experiências.

As aulas de laboratório podem ajudar a acabar com a imensa barreira que tem entre o aluno e o professor trazendo uma aproximação entre eles e aumentar o gosto em aprender e entender as matérias aplicadas em sala de aula, deixando de lado um pouco da monotomia. A matéria de ciências passaria a não ser tão odiada pelos alunos por muitas vezes terem que imaginar o não concreto (Carey et al., 1989).

No dizer de Gioppo e colaboradores (1998), algumas Universidade, são precárias e inadequadas que resultarão em aulas de baixa qualidade, utilizando como exemplo, boas partes dos estudantes são incentivados a utilizar como modo de aprendizados para seus futuros alunos, o ensino através de demonstrações laboratoriais, no entanto são impedidos de fazer suas monografias de bacharelado com pesquisas laboratoriais/educacionais, ou os universitários estão preparado a atuar em áreas laboratoriais e se deparam como atuar no ensino como professores, sendo uma válvula de escape até surgir um emprego almejado, causando uma baixa na qualidade do ensino docente.

Segundo Maradino (2003), a inserção de aulas pratica laboratoriais de ensino nas áreas de ciências deveria trabalhar primeiramente com a capacitação e formação dos professores nas disciplinas especificas em ter conhecimentos científicos e educacionais.

O objetivo desde trabalho foi de analisar o perfil do professores de Ciências, Biologia, Física e Química e suas aulas práticas em laboratórios ou em outros espaços nas escolas de ensino fundamental e médio do ensino particular e público na cidade de Monte Carmelo/MG-Brasil.

2 | DESENVOLVIMENTO

A pesquisa foi realizada em escolas públicas (estaduais e municipais) e escolas particulares de Monte Carmelo/MG.

Os dados foram obtidos durante os dias da semana, de acordo com o funcionamento das escolas, através da aplicação de questionários com questões abertas e fechadas

para professores das disciplinas Ciências, Biologia, Física e Química, e alunos do 9º ano do ensino fundamental e ao 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.

De acordo com os resultados dos questionários, podemos traçar um perfil dos professores que trabalham as disciplinas: Ciências, Biologia, Física e Química (Figura 01). Quase a totalidade, 16 (94%) possui nível superior completo (Tabela 01).

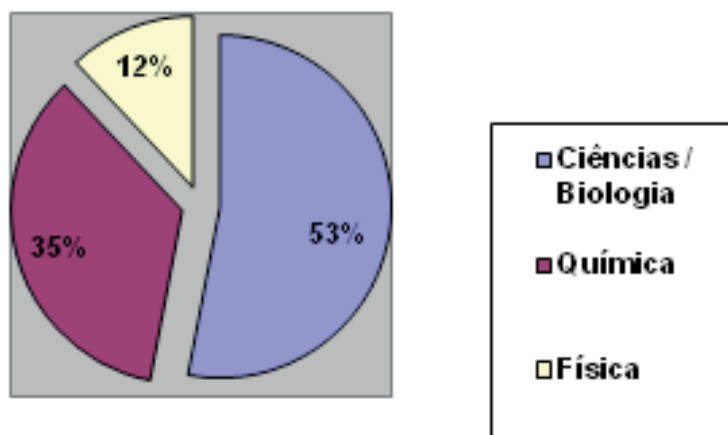


Figura 01 – Relação de professores entrevistados/disciplina.

Variável	Quantidade	
	n	%
Ensino Superior		
Completo	16	94,1
Não Completo	01	05,9
<i>Total</i>	<i>17</i>	<i>100</i>
Sexo		
Masculino	07	41,2
Feminino	10	58,8
<i>Total</i>	<i>17</i>	<i>100</i>
Estabilidade		
Concursado	09	52,9
Designado/Contratado	08	47,1
<i>Total</i>	<i>17</i>	<i>100</i>

Tabela 1. Perfil dos professores entrevistados

Destes 04 (25%) possuem formação diferente do que ministram aula (Tabela 02). A maioria dos professores é do sexo feminino (59%) e a faixa etária predominante foi entre 30 a 39 anos (41%) (Figura 02). Com relação à atuação profissional 12 (70%) professores lecionam a mais de 10 anos, a mesma porcentagem foi verificada para professores que trabalham em até duas Escolas. Quanto à estabilidade,

aproximadamente 53% deles são concursados.

Disciplina Ministrada	Formação	Quantidade	
		n	%
Ciências e/ou Biologia	Licenciatura em Ciências Biológicas	04	23,5
	Licenciatura Plena em Ciências Biológicas	01	05,9
	Licenciatura Plena e Bacharelado em Ciências Biológicas	01	05,9
	Licenciatura em Matemática	02	11,7
	Bacharelado em Administração	01	05,9
Química	Licenciatura em Química	04	23,5
	Licenciatura Plena e Bacharelado em Química	01	05,9
	Bacharelado em Farmácia	01	05,9
Física	Licenciatura em Física	01	05,9
	Ensino Médio	01	05,9
Total		17	100

Tabela 2. Relação da disciplina ministrada e sua formação

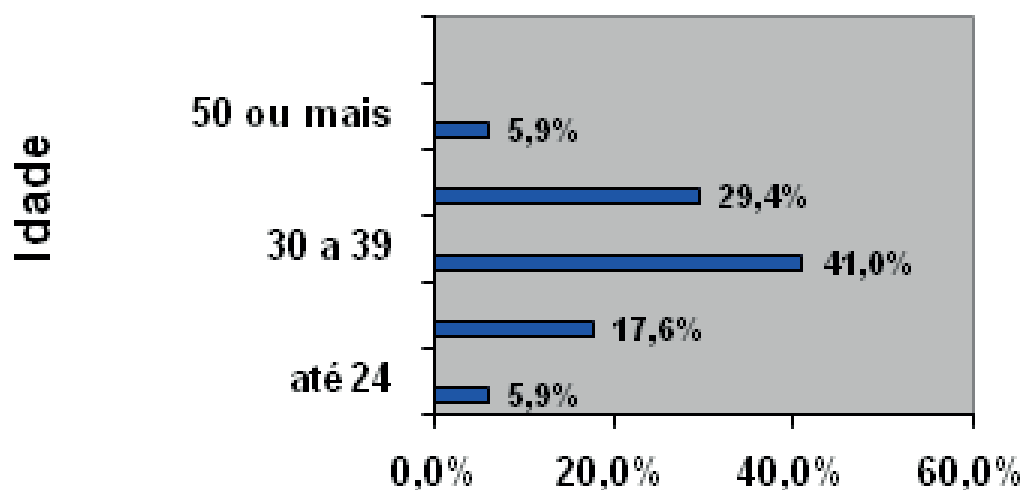


Figura 2. Porcentagem de professores em relação à idade

Em relação à pós-graduação, observou-se que cerca de 65% dos entrevistados possuem algum curso, sendo a maioria (64%) limitada ao nível especialização *lato sensu* (Tabela 03).

Pós-Graduação	Total	
	n	%

Aperfeiçoamento	01	
Especialização	07	
Mestrado	02	
Doutorado	01	
<i>Não fez</i>	06	
Total	17	100,0

Tabela 3. Tipo de pós-graduação realizada pelos professores

Sobre cursos de formação continuada 11 (65%) professores informaram que já participaram, dentre os cursos citados, 07 foram voltados para atualização de aulas práticas (Tabela 04).

Cursos de formação continuada	Total	
	n°	%
Pró-ciências	02	12
Capacitação em Química	03	18
Capacitação da rede Pitágoras	02	12
Escolas inclusivas	01	6
Pró-médio	01	6
Pró-gestão	01	6
PEAS	01	6
<i>Não fez</i>	06	34
Total	17	100,0

Tabela 4. Tipo de formação continuada realizada pelos professores

Quando questionados sobre o aproveitamento desses cursos, 100% relaram que os cursos foram bons, mas somente 55% dos entrevistados disseram que as informações foram úteis. A mesma porcentagem foi constatada quando perguntados se houve formação acadêmica suficiente para trabalhar aulas práticas. Relataram que na graduação eles não tinham incentivos em preparar, planejar e executar aulas práticas, além de não possuir laboratórios apropriados, essas foram às respostas mais citadas. Cerca de 40% dos professores que lecionam disciplinas que demandam aulas práticas disseram não estar preparados para realizar. Segundo Marandino (2002), o uso do laboratório de ciências é de muita importância, pois as disciplinas práticas são capazes de facilitar a compreensão e entender algumas formas abstratas no mundo da física, biologia e química.

Outro fator relevante encontrado nos questionários, que provavelmente influencia

no desenvolvimento de aulas práticas, foi à quantidade de aulas dadas por semana, cerca de 60% dos professores ministram mais de 30 aulas por semana e quase 50% destes, ministram mais de 40 aulas por semana. Somente 29% dos professores trabalham em uma única Escola, 23% dos professores trabalhando com menos de 20 aulas semanais. Esse número excessivo de aulas impede uma boa elaboração e planejamento de aulas práticas.

O planejamento das atividades práticas deve ser acompanhado por reflexões pedagógicas, como também sobre possíveis riscos reais ou potenciais, a integridade física dos estudantes, destas práticas (Brasil, 1998). O roteiro de aula prática, todas as instruções devem ser explícitas e muito precisas, dessa maneira, cada grupo de alunos consegue trabalhar seguindo seu próprio ritmo. Segundo Capeletto (1992), os roteiros devem-se intercalar a seqüência de ações e observações com questões para discussão, de modo que os alunos registrem suas observações e conclusões à medida que a atividade se desenvolve.

Por fim, os professores avaliaram o seu desempenho quanto às suas aulas práticas, e mesmo com todas as dificuldades relatadas, houve uma nota entre boa a ótima em cerca de 80% dos questionários. Essa mesma pergunta foi pesquisada nos questionário dos alunos e a mesma nota ficou com cerca de 30%. Além disso, 63% dos alunos disseram que nunca foram ao laboratório da Escola. A diferença de opinião entre professores e alunos, pode ser explicada pela falta de preparo da maioria dos professores, constatada pela titulação e cursos de capacitação. Essa dificuldade foi relatada por dois professores ao final do questionário.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que é fundamental que os professores da rede pública e particular, capacitem-se por meio de formação continuada e posteriormente em programas de Mestrado e Doutorado Educacional. Além disso, é indispensável que os mesmos, disponibilizem um maior tempo para estudo, preparação, elaboração e investigação de novas abordagens de técnicas de ensino. Programas de incentivos à valorização do professor deveriam ser mais efetivos, para em contrapartida, o professor cada vez mais buscar atividades de qualidades.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, S. M.; LABURÚ, C. E. Considerações sobre a função do experimento no ensino de Ciências. In: NARDI, R. (Org.). **Questões atuais no ensino de Ciências**. São Paulo: Escrituras, 53-60, 1998.

BARRETO, F. B. Atividades Práticas na 8ª série do Ensino Fundamental: Luz numa abordagem regionalizada. **Dissertação (Mestrado em Educação)**. Faculdade de Educação-Unicamp, Campinas, 2001.

- BORGES, T. “Novos rumos para o laboratório escolar de ciências”. **Cad.Bras.Ens.Fís**, v.19, n. 3, p.291-313, 2002.
- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAPELETTO, A. **Biologia e Educação ambiental**: Roteiros de trabalho. São Paulo: Editora Ática, 224 pp, 1992.
- CAREY, S. et al. An experiment is when you try it and see if works. *International Journal of Science education*, v. 11, n.5, p.514-529, 1989.
- CARRAHER, T. N. **Ensino de ciências e desenvolvimento cognitivo**. Coletânea do II Encontro “Perspectivas do Ensino de Biologia”. São Paulo, FEUSP, p. 107-123, 1986.
- FRACALANZA, H. et al. *O Ensino de Ciências no 1º grau*. São Paulo: Atual, 1986.
- GIOPPO, C.; SCHEFFER, E. W. O.; Neves M.C. O ensino experimental na escola. **Educar**, v.14, n. 1, p.39-57, 1998.
- GOUVÊA, G; LEAL, C. M. Uma visão comparada do ensino em ciências, tecnologia e sociedade na escola e em um museu de ciências. **Ciencias e Educação**, v.7, n.1, p.67-84, 2001.
- GUNSTONE, R. Reconstructing theory from practical work. In: WOOLNOUGH, B. (ed.) **Practical Science**. Milton Keynes: Open University Press, p.67-77, 1991.
- HARRES, J. B. S *et. al* (Org.) **Laboratório de Ensino: inovação curricular na formação de professores de ciências**. Santo André (SP): ESETec Editores Associados, 2005.
- LIMA, M. E. C. C.; Júnior, O. G. A.; BRAGA, S. A. M. **Aprender ciências – um mundo de materiais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1999.
- MARANDINO, M.A. “Prática de ensino nas licenciaturas e a pesquisa em ensino de ciências: questões atuais”. **Cad.Bras.Ens.Fís.**, v.20, n. 2, p.168-193, 2003.
- MILLAR, R. **Desarrollo y evaluación de actividades prácticas para la enseñanza de las ciencias**. In Mardones, H. C. How to improve science education in Chile: International perspectives on national challenges. Santiago, Chile: Ediciones Universidad Catolica Silva Henriques. p.183-197, 2010.
- MORAES, R. O significado da experimentação numa abordagem construtivista: O caso do ensino de ciências. In: Borges, R. M. R. & Moraes, R. (Org.) **Educação em Ciências nas séries iniciais**. Porto Alegre: Sagra Luzzato. p.29-45, 1998.
- POSSOBOM, C. C. F.; OKADA, F. K.; DINIZ, R. E. S. Atividades práticas de laboratório no ensino de biologia e ciências: relato de uma experiência. In: Garcia, W. G. & Guedes, A. M. (Orgs.). **Núcleos de ensino**. São Paulo: Unesp, Pró-Reitoria de Graduação, p.113-123, 2003.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-233-3

